

A utopia antropofágica e o pensamento brasileiro: o matriarcado como condição humana original e libertadora

The cannibalistic utopia and the Brazilian thought: matriarchy as original human condition and liberating

David Wilkerson Silva Almeida *

recebido: janeiro/2015

aprovado: fevereiro/2015

Resumo: O Movimento Antropofágico da primeira metade do século XX representou uma ruptura fundamental no modo de produção artística brasileira, porém sua relevância estendeu-se para além da arte e colaborou, na figura de Oswald de Andrade, com o reposicionamento do fazer filosófico nacional. Inspirado no modo de vida local, mescla da contribuição indígena, africana e europeia, o autor concebe o “humano tecnicizado”, aquele para quem os males da cultura patriarcal em suas diversas manifestações –propriedade privada, messianismo, repressão sobre os instintos –são substituídos pela tríade matriarcal representada pelo direito materno sobre o filho, a propriedade comum do solo, e a inexistência do Estado, frutos de uma cosmo-visão antropofágica em que os instintos têm lugar destacado. Para tanto, ele parte de uma construção teórica em que toda a história se divide em duas linhas mestras sob cuja influência estão todas as sociedades: o Patriarcado como sendo a cultura derivada do poder paterno e

* David Almeida. Bacharel em Filosofia pela Universidade de Brasília (2010-2014). Escreveu o artigo “Ubuntu: Algumas Relações com o Ocidente”, “Falácias e Teoria da Argumentação”, publicado na Revista *Pólemos* da Universidade de Brasília, “A Eticidade do Heterocídio”, sua monografia final, e “Dialética das Consciências como Construção da Subjetividade em Vicente Ferreira da Silva”. Participou do PROIC (Programa de Iniciação Científica - Universidade de Brasília) durante o período de junho de 2013 a julho de 2014, produzindo, sob a orientação de Julio Cabrera, o artigo “A Utopia Antropofágica e o Pensamento Brasileiro: o Matriarcado como Condição Humana Original e Libertadora”. Atualmente concentra seus estudos nas áreas de Filosofia Latino-Americana, Ética e Política.

que é incorporada pela civilização europeia atual; e o Matriarcado, momento por que passaram todas as sociedades, mas que foi abandonado, restando apenas em algumas como as indígenas ainda a conservá-lo.

Palavras-chave: Antropofagia, Patriarcado, Matriarcado, Oswald de Andrade.

Abstract: *The Antropophagic Movement in the first half of XXth century means a crucial rupture with the traditional way of artistic production in Brazil. But its influence was also felt beyond the frontiers of the art and contributed, especially by the pioneer figure of Oswald de Andrade, to reformulate the nature of philosophical reflection. Strongly inspired on traits of the native way of life, mixture of Indian, African and European contributions, Oswald conceives a “technologized human”, a new kind of human being who reacts against Patriarcalism and its manifestations – private propriety, messianism, repression of the instincts – replaced by the Matriarcal triad – maternal right over the son, common propriety of the land, inexistence of the Estate – all of them products of an antropophagic vision of the world where the instincts play an important role. Oswald de Andrade suggests a philosophy of history grounded on this dichotomy, where the values of Patriarcalism are assumed by the present Europe and the Matriarcalism is preserved by the Indian cultures.*

Keywords: *Anthropophagy, Patriarcalism, Matriarcalism, Oswald de Andrade.*

“Há coerência na loucura antropofágica – e sentido no não senso de Oswald de Andrade”¹.

Introdução

O presente texto pretende compreender quais foram as influências filosóficas do *Movimento Antropofágico* e suas contribuições para o pensamento filosófico mundial. Antes de qualquer coisa, sabe-se que consistiu num movimento de vanguarda essencialmente artístico-literário capitaneado por artistas e intelectuais brasileiros de inícios da década de 1920, que pretendia um radical afastamento da arte nova em relação às tradições passadas e a afirmação da cultura nacional originária, frente ao aparelhamento colonial político-

religioso opressivo sob o qual se formou a sociedade brasileira. Surgia, com essa arte um retorno, mas não acrítico, às formas *primitivas* de expressão, inspiradas na arte africana e indígena, que apontavam para o pensamento *selvagem* ou mito-poético, entendendo-se *selvagem* como contraste ao pensamento civilizado, pragmático e servil. Esse foi o espírito motivador para Oswald de Andrade na escrita do *Manifesto da Poesia Pau Brasil*, texto – fundamental para o Modernismo brasileiro – que abordou tanto o primitivismo de caráter psicológico quanto o da experiência da forma artística.

Esta obra serviu de precursora da Antropofagia, cujo início se daria com a publicação em maio de 1928 do *Manifesto Antropófago*. Neste, Oswald usa, imiscuídas num só discurso, imagens e conceitos, provocação e argumentação, piada e reflexão filosófica como forma de crítica ao pensamento linear europeu. Escolhida por seu poder de escândalo, a palavra “antropofagia” serve para ferir a imaginação do leitor com a recordação incômoda do canibalismo, re-traduzida em possibilidade permanente da espécie. Repleta de ressonâncias mágicas e sacrificiais, a palavra funciona como instrumento de ofensa pessoal que alarga e retrai os contextos éticos, sociais e religiosos. Ela fala da agressão ao inimigo colonizador, ao patriarcalismo, sua moral e esperanças messiânicas, da ofensiva contra a intelectualidade aí forjada como imitação da metrópole e submissão ao estrangeiro, e também do indianismo como purificação das frustrações do colonizado, que imitou o colonizador. A antropofagia faz as vezes de uma cosmo-visão. A análise antropofágica da vida cultural brasileira oferece as razões para um tipo de atividade política. Ela representa uma teoria de interpretação do mundo, uma visão congruente com suas próprias leis, de modo a compreender os fenômenos do mundo de maneira imanente, por meio das regras internas à Antropofagia, num conjunto orgânico (BERRIEL, 1992, p. 130).

Porém, os dois textos que melhor reproduzem o pensamento filosófico de Oswald são *A Marcha das Utopias* e *A Crise da Filosofia Messiânica*, que servem de coroamento do que vinha construindo desde a Poesia Pau Brasil, agora em prosa argumentativa.

O ciclo das utopias

Apesar de eu reconhecer a problematidade em assumir para a academia que Oswald de Andrade tenha produzido uma filosofia em sentido estrito, creio não necessitar de muitos argumentos para justificar uma análise filosófica de sua obra, inclusive porque uma tal abordagem de seu pensamento não é nova. Silvio Gallo, Eduardo Sterzi, Benedito Nunes e João Cezar de Castro são alguns dos autores contemporâneos que têm reconhecido haver uma genuína filosofia em Oswald². Sterzi chega mesmo a afirmar, de maneira equivocada, no entanto, que Oswald é autor da única filosofia original criada no Brasil, o que não é verdade, já que temos uma gama extensa de filósofos brasileiros que produziram uma filosofia autoral, desde Antonio Vieira a Vicente Ferreira Da Silva e Darcy Ribeiro. O fato é que a obra de Oswald de Andrade apresenta, como tentaremos mostrar, aspectos qualitativos suficientes para figurar na história do pensamento filosófico universal.

De sua vasta produção, possui imediata relevância *A Marcha das Utopias*. Neste texto, a análise das utopias responde ao projeto filosófico-político do autor de obter um entendimento do lugar de destaque do Brasil dentro desta marcha. Neste texto, Oswald francamente interpreta fatos históricos sob um olhar estético; não apenas isto; ele subordina toda a política a uma visão estética, pois quaisquer anseios de equanimidade e justiça não podem ser entendidos, segundo ele, senão enquanto respondendo a critérios de harmonia e proporção, estes eminentemente estéticos. Nesta direção, é digna de nota a sua participação em um congresso que comemorava a invasão da América, e onde indagava: “*Mas o que procurava Colombo sob as estrelas novas do hemisfério ocidental, onde, no dizer do poeta, 'a razão humana se perturba e a agulha inventada pelos homens não sabe mais onde é o norte'?*” (ANDRADE, 1944, s/p.). Por suas palavras se vislumbra uma interpretação histórica em que admite seu pendor estético: “*Nada ele procurava além da liberdade. Era a inocência duma terra 'no sétimo dia da criação', onde se escoavam ainda as águas do dilúvio e onde, longe das aflições do pecado, residia a liberdade*” (Idem).

O pensamento filosófico-político de Oswald pode ser dito, pois, utópico, mas em nenhum sentido pejorativo que deponha contra a agudeza e relevância de sua contribuição. Como ele mesmo afirmou: “...no fundo de cada utopia não há somente um sonho, há também um protesto” (ANDRADE, 1978, p. 194), revelando que toda utopia se mostra subversiva por expressar um intenso desejo de romper a ordem vigente. Ele reconhece em seu texto um período histórico amplíssimo ao que denomina *Ciclo das Utopias*. Este vai da publicação das cartas de Américo Vespúcio no início do século XVI até o Manifesto Comunista de Marx e Engels no século XIX (Idem, 2011, p. 221). Período marcado por enormes transformações culturais e históricas, presenciando as contribuições de Morus, Campanella, Cabet, e experiências como a Comuna de Paris.

Oswald não inclui aqui a Revolução Haitiana que inicia em 1791, mas esta pode figurar, talvez, como a mais importante das experiências históricas que respondiam por expectativas utópicas, até mais que a Revolução Francesa. A razão deste evento histórico não constar nem mesmo nos textos clássicos sobre revoluções não decorre da pouca relevância do fato, mas da inconveniente circunstância que esta revolução trouxe para o modo de produção escravista, desestruturando seus valores fundantes: superioridade branca, imperialismo europeu, proselitismo cristão. Os haitianos intencionavam criar a primeira e única República Negra nas Américas, onde economia, política e religião seriam dirigidas por negros. Esta guerra de independência, que foi a primeira revolta de escravos bem sucedida na história humana, e o primeiro rompimento com os poderes imperiais europeus, pode muito bem ser parte da “marcha utópica” oswaldiana, porque sua implementação exigiria uma tal transformação no capitalismo colonial que suas bases escravocratas teriam de ser desconstruídas. Todos os países europeus e os EUA se oporiam, já que pretendia-se a libertação dos negros na colônia mais rica de então. O inicial sucesso da revolta e a vitória sobre os exércitos ingleses, e posteriormente os de Napoleão, por incrível que pareça, impressionaram o mundo. E, mesmo que muito fugazmente, desestabilizaram o sistema econômico e sua base escravocrata, já que, além da independência política, na nova Constituição haitiana feita logo após a guerra contra os

ingleses, liderada pelo haitiano Toussaint L'Ouverture, instituiu-se o fim da escravidão e a não discriminação pela cor da pele.

Este foi o primeiro documento no mundo a reconhecer a igualdade de direitos de qualquer etnia, mesmo tendo sido escrito, ironicamente, por escravos negros que teriam todos os motivos para subjugar os brancos. Nem a Declaração dos Direitos do Homem na França, nem a Declaração de Direitos dos EUA reconheceram tal direito, fato que explica por que a escravidão dos negros perdurou juridicamente ainda por longo tempo³. Mas, o preço de sua ousadia foi alto. Houve um boicote internacional ao Haiti e os haitianos finalmente tiveram de indenizar os franceses pelas expropriações. E hoje conhecemos o Haiti como a nação mais pobre das Américas. No entanto, os motivos para isso são externos ao povo haitiano; representa a consequência de uma realização histórica espantosa, de uma tentativa demasiadamente ousada para a mentalidade primitiva do Ocidente. Um exemplo de primeira grandeza do espírito utópico no século XVIII e que Oswald certamente errou em não retratar em seus escritos⁴.

Segundo Oswald de Andrade, os pontos altos do “Ciclo das Utopias” foram a miscigenação do século XVI, a luta no Brasil contra a Holanda no século XVII, a revolução francesa no século XVIII e a convulsão política de 1948. A luta contra os holandeses deve sua relevância por ter colocado frente a frente duas cosmovisões conflitantes: Reforma e Contra-Reforma. Esse conflito de modos de vida remonta à Antiguidade, momento em que os judeus *criam* o racismo ao se considerarem um povo especial e escolhido por Yawé. Em contrapartida, é nesse mesmo período que os árabes, povo dado ao contato, iniciam o que chamamos hoje de miscigenação. Assim, Oswald interpreta a luta milenar entre árabes e judeus via modos de relacionamento desses povos com outros a seu redor. Os árabes representariam aquela cultura fecunda e acolhedora, enquanto os judeus, todas as mazelas do racismo e a xenofobia. A Reforma é um fruto da árvore judia porque implementa uma ética aberta à legitimação do lucro e da usura; a Contra-Reforma, da árvore árabe, reage à acumulação capitalista capitaneada pelos protestantes calvinistas mormente. Lutero e Calvino são os rebentos da cultura judia; os jesuítas, desabilitados pelo Vaticano por sua flexibilidade política,

descendem dos árabes. E o catolicismo só não obteve maior sucesso no Brasil por inabilidade de seus líderes em extinguir a ordem jesuíta conquistadora de Loyola, pois a história já mostrou várias vezes que não é necessária muita destreza discursiva ou profundidade de saber para arrebatar centenas em nosso país; basta apresentar-se como pastor das ovelhas de Cristo que alguém se vê rodeado de seguidores: Antônio Conselheiro, padre Cícero e, atualmente, Silas Malafaia, Marco Feliciano, Edir Macedo são exemplos contundentes da fé ambulante das massas brasileiras (Idem, 2011, p. 223).

As utopias refletem a descoberta de um novo ser humano que surge com a *invasão* do Novo Mundo. O indígena e sua alegada vida harmoniosa frente à natureza e comunidade inspiraram os europeus a pensar em possibilidades de sociabilidade inimagináveis até então. Do contato que travou Thomas Morus, segundo conta, com um indígena deixado na Feitoria de Cabo Frio por Américo Vespúcio, ele escreve sobre sua utopia, onde conta suas esperanças de construção de uma sociedade livre das misérias européias. A concepção de Oswald unifica a filosofia antropofágica e torna as utopias sinal de in-conformação e prenúncio de revolta:

Princípio e fim, a utopia, no pensamento oswaldiano, forma o espaço trans-histórico onde se projetam 'todas as revoltas eficazes na direção do homem', também espaço ontológico entre o que somos e o que seremos, entre, diria Oswald, a 'economia do Haver' e a 'economia do Ser'. Transformando-se, nesse espaço, de impulso bio-psíquico em impulso espiritual, o instinto antropofágico tende à sua própria negação como vontade de poder, na medida em que ele próprio conduz à utopia, e na medida em que utopia significa a absorção, na liberdade e na igualdade, da violência geradora dos antagonismos sociais. (NUNES, 1978, p. 52)

A antropofagia e a Revolução Caraíba

Oswald de Andrade distingue os antigos conceitos de Ócio e Negócio, relacionados respectivamente à Contra-Reforma e à Reforma, entendendo o Ócio não como a abstenção da atividade, mas como a ocupação com o tornar-se

humano. Contra Lévi-Strauss, ele defende calorosamente a existência de um pré-histórico matriarcado universal do qual descenderam os povos periféricos de então; o Ócio é um legado desse período que contribuirá para a libertação do humano e será a indicação mesma do nível ético de vida de um povo. O patriarcado é recolocado como fenômeno cultural representante do trauma original que marcou o surgimento da “Civilização”.

Mario Chamie, que aproxima Freud a Oswald, chega mesmo a reconhecer a transformação do patriarcado em matriarcado como o núcleo temático da filosofia antropofágica de Oswald (CHAMIE, 2005, p 01). O patriarcado e seus produtos: o capitalismo, a burguesia, o direito de propriedade do dominador, a usura, a família nuclear, o pensamento lógico-abstrato, a repressão dos instintos e da sexualidade, são todos entendidos por nosso autor como negatividade histórica. O patriarcado se configura como um *tabu* encravado na história humana. Somente a implementação de uma nova idade de ouro, iniciada com o matriarcado, promoveria a sua substituição. Ao invés do direito de propriedade, se instauraria o direito de posse do humano primitivo, usura e negócio seriam superados pelo ócio, o centralismo de poder daria lugar a uma vida comunitária “aberta aos prazeres vitais, ditados por uma libido individual sem censura” (Idem). O matriarcado extirparia o *tabu* do patriarcado da história, metamorfoseando-o em *totem* – em valor humano e em obra de arte – da nova idade de ouro.

Chegamos, então ao segundo texto eminentemente filosófico de Oswald, seu ensaio escrito em 1950, *A Crise da Filosofia Messiânica*. Neste texto o autor pretende traçar uma esquemática filosofia da história, e para isso usa os conceitos de Matriarcado e Patriarcado como totalidades sócio-históricas (NUNES, 1979, p. 59). Oswald reconhece dois modos de vida que se originaram de cada um destes fenômenos. O Patriarcado teria dado origem à Civilização e ao messianismo, o Matriarcado à Cultura e à antropofagia. Países como os EUA já teriam extinguido quase que completamente sua Cultura, enquanto no Brasil se degladiavam Cultura e Civilização.

E enquanto os índios fossem dizimados e os negros sofisticados, corríamos o grave risco de perder a Cultura, que há muitos séculos tenta nos dar um caráter de povo lírico, cordial e estoico. (BERRIEL, 1992, p. 131)

Cultura é o que um povo é, a sua alma, caráter e sentimento, e a ela se conecta a idéia de *Pathos*. Civilização é técnica, razão, política, revela o que um povo usa e expressa no *Logos*. Assim, influenciado pela dicotomia já tematizada por Spengler entre Cultura e Civilização, Oswald elabora sua utopia na construção de um esquema próprio da história mundial em termos da reordenação conceitual dos primeiros contatos travados entre a Cultura viva dos ameríndios e a Civilização européia. O índio seria capaz de operar uma crítica existencial ao europeu, por exemplo, na questão do comunismo, que ele vive como condição própria de sua Cultura. Deste modo, Oswald pensará a relação entre o Brasil e a Europa em termos de oposição entre Cultura brasileira e Civilização européia.

Oswald chama tal transformação de *Revolução Caraíba*, cujo maior representante seria o humano novo, ainda adverso à degeneração civilizatória encontrado pelo europeu. O termo caraíba provém do Tupi *Kara ' ib* (sábio, inteligente), e deu origem ao nome da região conhecida hoje como Caribe. Designa o povo falante do grande grupo lingüístico que habitava o norte e nordeste da América do Sul, incluindo-se aí as Guianas, várias ilhas da América Central e regiões da Amazônia brasileira. Os caraíbas, como passamos a chamá-los, praticavam a antropofagia, e foram eles que primeiramente inspiraram Oswald na construção de sua filosofia.

Ainda no texto sobre a filosofia messiânica, Oswald inclui algumas relações de parentesco como o filho de direito materno, algumas de produção (a propriedade coletiva do solo) como expressão de realidades sociais livres e inarmonizáveis com o Estado de classes. Ele pinta um modo orgânico de vida condizente com a Natureza, em que valores vitais são condensados na *atitude antropofágica* que promoveria a transformação do tabu em totem, como modo positivo da práxis aberta aos impulsos primários que não chegaram a ser reprimidos. Impulsos que alcançariam completa expressão na antropofagia ritual das sociedades indígenas. O matriarcado seria uma cultura antropofágica porque sendo este ritual uma prática básica e livre, apenas o matriarcado poderia produzi-lo, pois seu oposto, o patriarcado, corresponde aos modos de vida reprimidos, reativos e repressores dos impulsos

humanos. O casamento monogâmico seria expressão desta maneira opressora de encarar os impulsos naturais para os quais o matriarcado pretenderia dar vazão orgiástica e dionisíaca.

O correlato patriarcal da *Weltanschauung* como antropofagia no matriarcado é a cultura messiânica. Esta se constitui numa derivação intelectual da ascendência paterna e do poder do pai sobre seus filhos. Isto é também o que garante o domínio de uma sobre outra classe e a autoridade política do Estado. Aqui, sob forte influência de Freud, nosso autor assume que a projeção deste poder que vem do pai para a esfera mais abrangente da sociedade produz a idéia de uma divindade providencial, de um ser que potencializa os poderes do pai e se torna criador e conservador da ordem do universo e da sociedade. Visão esta que grassou nas sociedades que adotaram o monoteísmo, de onde surge a moral da obediência, posteriormente transformada, após a influência do cristianismo, na moral de escravos nietzscheana.

O messianismo é a essência sublimada do patriarcado e alcança todas as cosmovisões político-religiosas em que a restauração da vida alienada depende de um elemento mediador transcendente. As filosofias que assumem deus ou que, apesar de rejeitando-o, admitem substitutos para ele, são todas messiânicas. As crises crônicas por que passa tal filosofia só podem ser superadas na cultura antropofágica, que reintegrará na sociedade tecnicizada as estruturas originais do matriarcado (NUNES, 1979, p. 63).

A forma de vida de nossos índios como, talvez, os últimos representantes do que restou da cultura do matriarcado foi colocada por nosso autor como à frente da vida social dos europeus. A tríade matriarcal composta pelo direito materno sobre o filho, a propriedade comum do solo e a inexistência do Estado (ANDRADE, 2011, p. 142) representa uma forma de organização social que condensa as mais altas aspirações de igualitarismo e justiça social que o pensamento europeu já foi capaz de conceber, e também a fonte de onde bebeu — ainda que de maneira não reconhecida — toda a tradição utópica européia. O “Novo Mundo” sustentou por três séculos, segundo Oswald, as aspirações mais ousadas de reconfiguração total da sociedade, contribuindo para novas formas de pensar a filosofia, a política e a economia. Nas próprias palavras de Oswald: “*Já*

tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de Ouro” (Idem, p. 70).

Oswald pretendia, segundo André Monteiro, não a retomada do mundo original pré- cabralino, mas “a recuperação 'alegórica' desse espírito 'igualitário' e 'totêmico' do matriarcado de Pindorama, que era entendido metaforicamente e não enquanto a essência de uma nação” (MONTEIRO, 2008, p. 02). Oswald estava seguro dos diferenciais benéficos disso que poderíamos chamar de uma cosmovisão matriarcal da existência. Fenômenos bem conhecidos na Europa como a loucura, as prisões e a prostituição não eram sequer encontrados por aqui. A divisão do trabalho e conseqüente organização da sociedade em classes surgiram no momento em que não mais se devorava o outro, mas se fazia dele um escravo, rompendo -se assim o matriarcado. A técnica e a hierarquia social advêm dessa ruptura, restando à história a descrição da crueza da luta de classes (Idem, p. 143).

A classe sacerdotal que se sobrepôs às demais desfez um universo para o qual Deus era inexistente e o substituiu por um mundo dependente de um Ser Supremo, equalizador de sanções. Para tanto, o patriarcado nascente teve que estender a ontologia da realidade e projetar vida, seres e felicidade no mundo *post mortem*, caso contrário, a escravidão se mostraria insuportável. Tal é o peso argumentativo e psicológico do messianismo para a legitimação da servidão. Haveria que se construir um mundo além do atual em que o sofrimento estaria ausente, como maneira de motivar os servos à esperança pela mudança de sua sorte, porém não em vida, mas depois desta, completamente gasta em serviço da classe possuidora do poder⁵. A identificação entre as funções de rei e sacerdote é quase onipresente nas primeiras sociedades, e quando ambas se distinguem, o rei é subordinado ao sacerdote. Oswald reconhece a origem da moral de escravos nietzscheana nos velhos livros religiosos que contêm, segundo ele, a “Cartilha do Escravo Perfeito” (Idem, p. 144).

A insistente mentalidade servil na produção filosófica brasileira

O pensamento filosófico brasileiro poderia ser dito criativo originando -se de um povo cuja cultura, em vários aspectos, esbanja em capacidade criativa: música, literatura, culinária, poesia, etc. Porém sabidamente este não é o caso para a filosofia, que desde a instituição dos cursos de filosofia em território brasileiro sofre de uma crônica tendência à renúncia de uma autonomia intelectual. Inicialmente ligada aos programas do currículo católico jesuíta, ela respondia diretamente aos projetos de formação político-religiosa da elite colonial, onde pouco ou nenhuma preocupação com o contexto vivenciado pelos alunos era tematizado. A esse respeito nos fala José Carlos da Silva (professor de filosofia de Mato Grosso do Sul):

...foi nas mãos dos ‘soldados de Cristo’, os únicos elementos dotados de dimensão intelectual, na colônia (SODRÉ, 1963, p.121), sob sua orientação pedagógica e filosófica, presente também nos cursos superiores portugueses, particularmente no curso coimbricense, sob a visão de mundo presente nos **Comentários à Metafísica de Pedro da Fonseca** (1577), que foi criado o primeiro curso de filosofia no Brasil, caracterizado pelos estudos de forma escolástica e de conteúdo aristotélico-tomista. Este ensino e a filosofia nele cursada foram importados de Portugal, transplantados para o Brasil, visando à formação das elites coloniais e dos quadros da Companhia de Jesus, componentes da classe dirigente da colônia. Assim, o escolasticismo está presente na elite intelectual brasileira colonial e na base da cultura filosófica brasileira, desde o seu surgimento no País, enraizou-se e marcou profundamente os rumos da filosofia e de seu ensino nesta terra dos palmares, para além do período colonial, constituindo uma de suas características mais marcantes. (SILVA, 2010, p. 08-09)

A educação filosófica respondia a um percurso clássico-humanístico, com vistas à erudição e a distinção de nobreza. Os cursos oferecidos pelos padres da Companhia de Jesus e pelos jesuítas projetaram suas influências muito longe. O cânone de estudos era a *Ratio Studiorum* que consistia numa regulamentação dos procedimentos e competências a serem

adotados nas escolas existentes, criadas na Companhia de Jesus (SCHMITZ, 1994, p.83).

Desde esta origem, o pensamento filosófico brasileiro carrega o peso da subserviência a projetos estranhos a seu contexto histórico-existencial. Não preciso aqui problematizar a questão de saber se uma filosofia o é apenas enquanto pensamento universal⁶. Assumo aqui a especificidade própria e enraizamento inerente a cada pensamento como única maneira de criação não só filosófica, mas de qualquer produto cultural humano. Falar de uma filosofia brasileira implica aqui em aceitar seu estatuto em nível de igualdade com a filosofia kantiana, ou o idealismo alemão, por exemplo; em encará-la como tão universal quanto estas filosofias podem sê-lo.

Segundo Luis Washington Vita, o fato de a história da filosofia no Brasil ser a história da penetração de filosofias estranhas à vida reflexiva nacional revela o quanto é intensa nossa capacidade de assimilação passiva do externo⁷. Sugere que, em grande medida, nosso pensamento filosófico corresponde aos movimentos do pensamento europeu nos escritos dos nossos autores, já que vivemos na “franja da cultura européia”, segundo a expressão de Herbert Schneider. Optamos não pela “compreensão do exemplo”, mas pela via direta da “imitação do modelo”. Washington Vita pondera, porém o seguinte:

À base dessa, por assim dizer, ecologia espiritual, afirma acertadamente Cruz Costa que ‘este nacional é o que estaria na base da reintegração que fazemos dos modelos europeus e o que impediria uma total identificação nossa com o sentido da problemática do pensamento europeu que nos foi e ainda é transmitido. Assim, no processo de nossa identificação com tais problemas, há uma reintegração destes, da qual resulta o modelo passar por uma deformação na qual já aponta uma certa originalidade que se verificaria no sentido que assumem, para nós, os valores e suas aplicações’. Desta forma, a antinomia cultural que Joaquim Nabuco vislumbrara na nossa história — pertencemos à América pelo ‘sentimento novo, flutuante do nosso espírito’, e à Europa pelas ‘camadas estratificadas do nosso espírito’ — tem uma vigência relativa (VITA, 1950, p.01).

Isso revela que o autor sugere um grau de originalidade no pensar brasileiro mesmo tendo as características miméticas apresentadas. Esta originalidade se mostra, segundo ele, inevitável, tal é a condição de qualquer pensamento mesmo mimético de se ancorar numa situação historicamente dada e tender a um fim. Apesar de o autor sensatamente apresentar esse aspecto, ele ainda conserva suficiente irrelevância se comparado com a força fundamental de repetição que dá o caráter de nosso fazer filosófico em sua quase integralidade.

A contribuição de Oswald de Andrade à filosofia brasileira

A idéia de devoração, como idéia central na antropofagia, abre espaço para um lidar dialógico e, ao mesmo tempo, agente com a filosofia europeia. Ela possibilita a superação do “pensamento de segunda categoria”, como ainda é conhecida a produção intelectual fora dos grandes centros econômicos e culturais. Porém, não obedecendo aos critérios externos, mas recolocando os termos da discussão naqueles assumidos e lançados desde a experiência histórico-existencial apontada e vivida por Oswald de Andrade no Brasil. Assim, “devorar” uma teoria ou filósofo europeus significa lê-los na medida em que suas idéias contribuam para desenvolver exigências imanentes à nossa vivência enquanto pertencentes à cultura brasileira. Abstrair deles o que tem mais relação com nossas preocupações, e não proceder a um estudo exaustivo em que temas certamente irrelevantes dentro dessa perspectiva teriam a obrigação de ser percorridos. Ele assume a existência de um modo específico de vida que não se confunde com o de nenhum outro povo. Mas isso não significa que Oswald entenda a noção de cultura nacional de um modo essencialista, mas sempre histórico.

Assumindo a postura oswaldiana, a Europa e outros lugares reconhecidos como centros de pensamento deixam de ditar os temas, os métodos e as abordagens, passando a ser recolocados em mesmo nível de diálogo. A partir daí abre-se espaço para que finalmente se crie de fato filosofia, se expandam as formas clássicas de pensamento, se implodam os academicismos, mimetismos e timidez daí oriundos, se diversifiquem os estilos expositivos, se admitam formas não

lineares de argüição, possibilidades de politização poética da filosofia, posições defendidas por Oswald de Andrade na feitura mesma da sua obra. O que representou, para a filosofia brasileira, uma terceira via entre o nacionalismo e o universalismo, sabendo que ambas maneiras de filosofar incorrem em equívoco, ora pretendendo um vesgo hermetismo conceitual, ora uma abrangência ingênua e absurda. Oswald constrói uma via que, não abdicando de alcançar momentos estruturais da condição humana, ainda assim está aberto às peculiaridades experienciais de sua circunstância histórica.

A Antropofagia corresponde a um dos vãos mais ousados já experimentados pelo pensamento brasileiro. A pertinência e relevância das teses de Oswald de Andrade exigem que sua obra seja urgentemente analisada e tomada como modelo de atitude filosófica, e com justa seriedade, para que dela retiremos as riquezas conceituais que possibilitarão um melhor posicionamento da filosofia brasileira no mundo. Ele parte de uma circunstância histórico-existencial profundamente enraizada no modo de vida brasileiro; procura responder a ela com os instrumentos teóricos que emergem do solo em que se alimenta intelectualmente. Mas não pretendia, no entanto, um isolar-se ou um rejeitar o pensamento europeu, mas uma relação nova com ele. De fato, Oswald era conhecedor de boa parte das questões que agitavam o início do século XX na filosofia e na arte. O que propunha era uma tomada de posição de agência por parte do pensar nacional. O diálogo e o debate deviam acontecer, porém, suas rédeas não podiam continuar a ser ditadas apenas pelos pensadores europeus; e foi isto ao que ele apontava ao extrair do modo de vida dos indígenas nativos e das suas sociedades, soluções metafísicas para os problemas contemporâneos.

Não apenas isso; ele mostra que tais problemas não surgiram de escolhas culturais próprias, mas da intrusão iniciada na colonização de formas estranhas de pensar e agir que desviaram as populações nativas do curso de pensamento escolhido por elas. Reconhece, sem qualquer ingenuidade, a impossibilidade e inadequação do retorno aos estágios anteriores como forma de acesso a uma realidade supostamente pura; mas propõe - ancorado numa conjugação do modo de vida ameríndio com o dos europeus que trouxeram sua

indesejada “civilização” - a construção do “homem primitivo tecnicizado” que encare o outro (europeu) sob a luz da antropofagia, enquanto atitude frente ao mundo. Não como o ritual originário, para o qual não há possibilidade social ou jurídica de se retornar, mas sim de retirar dele seu conteúdo ético-metafísico e transformá-lo num modelo de sociabilidade, muito além das expectativas das melhores utopias européias; sociabilidades às que podemos ter acesso privilegiado por ser fruto de experiências prático-teóricas construídas no arcabouço das intempéries brasileiras.

Conclusão

O pensamento de Oswald de Andrade, exposto em algumas das suas obras mais teóricas, constitui-se numa reviravolta espetacular na maneira de interpretar a história universal. Os europeus se tornam o exemplo maior daquela cultura desgastada e repressora – o patriarcado – da qual não necessitamos se nos assumirmos como reflexos de uma cultura herdeira dos indígenas, cultura que precisa ser assumida em suas mais desconcertantes e profundas expressões; por sua lente, nosso passado está à frente do sempre lisonjeado futuro da civilização capitalista. Neste sentido, Oswald revela incrível força de renovação da crítica social. Enquanto discursos diversos falam de destruição do imperialismo, nosso autor advoga a afirmação da cultura nacional. Em vez de pretender lutar contra o Estado e a propriedade privada, Oswald propunha a superação do patriarcado.

Mas, como foi visto, mas vale sempre a pena repetir, ele nunca propõe um retorno ingênuo ao passado, mas uma recolocação do matriarcado em nossa sociedade tecnicizada. Isto porque a técnica nos servirá como meio de emancipação. Não se pode, portanto, acusá-lo, como usualmente, nem de ingenuidade na busca pelo original nem de “utopismo” na ideação do futuro, já que ele condensa ambas aspirações – o primitivo e o técnico - no novo humano, não se reduzindo a nenhuma das posições isoladamente. O novo ser humano proposto é o primitivo tecnicizado que poderá gozar dos benefícios do ócio, da completa libertação de seus impulsos e da famigerada força transcendente divina, que escraviza tanto mais

quanto se assume sua onipotência; bem como do absurdo da propriedade privada, forma de relação social apenas suportada pela incompreensão de seus mecanismos de funcionamento.

Segundo Luciana Eleonora Calado, em sua tese “*A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*”, a imaginação como capacidade genuinamente humana opera inevitavelmente construções fantasiosas sobre o real. Os campos fantasia e realidade, desse modo, estão sempre combinados em alguma medida nas diversas sociedades, e desta conjugação se alimenta a história, já que a insatisfação com o dado concreto movimentava os indivíduos à criação de circunstâncias além das já experimentadas, o que se revela na utopia. Por essa compreensão, a utopia é fato em toda sociedade, aparecendo ora como “eutopia” (o bom lugar, o lugar ideal), ora como “distopia” (a contra-utopia), ora como “ucronia” (o tempo nenhum, o deslocamento da utopia espacial para a temporal, um futuro distante). A utopia antropofágica pode ser visualizada como uma combinação entre eutopia e ucronia. Isto porque Oswald reconhecia potenciais na sociedade brasileira que levariam à formação do humano tecnicizado, porém este ainda não era, na sua época, um fato; situava-se num futuro indeterminado, mas num lugar determinado: o Brasil. O que não significa que ele defendesse a exclusividade deste modo de vida para o brasileiro. Propunha uma forma de relação entre as pessoas que certamente poderia servir de inspiração para outros povos. E daqui surgiriam igualmente formas particulares de pensamento.

Bibliografia

ANDRADE, José Oswald de Souza. *A Utopia Antropofágica: Obras Completas*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Globo, 2011.

_____. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Obras Completas, Vol 6*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- _____. *Pau Brasil: Obras Completas*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Globo, 2003.
- _____. *Fazedores da América*. Conferência realizada em 30 de outubro de 1944. Originais do Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Revolução Caraíba: A Utopia Oswaldiana*. Itinerários – Revista de Literatura da Unesp, nº 03: Campinas, 1992.
- CABRERA Julio. *Diário de um filósofo no Brasil*. Editora Unijuí, 2013 (2ª edição).
- CALADO, Luciana Eleonora de F. *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. 2006. 368 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade federal de Pernambuco, Recife. 2006.
- CHAMIE, Mário. *Freud, Oswald de Andrade e Antropofagia*. Revista de Cultura, nº 43. Fortaleza-São Paulo: janeiro de 2005.
- FONSECA, Maria Augusta. *Por Que Ler Oswald de Andrade*. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- MIGNOLO Walter. *Histórias locais- Projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- MONTEIRO André. Antropofagia, um modo de Devir brasileiro. Revista Famigerado, n. 5. 2008. Disponível em: <http://revistafamigerado.com/cinco/amonteiro-htm>
- NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Concepções Helênicas de Felicidade no Além: de Homero a Platão*. Fac. de Letras da Univ. de Coimbra: Coimbra, 1995.
- SCHMITZ, Egidio. *Os Jesuítas e a Educação: a filosofia educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo, RS.: Ed. UNISINOS, 1994.
- SILVA, José Carlos. *Os Jesuítas e o Ensino de Filosofia no Brasil*. Rev. Histedbr- Unicamp, 2010.
- WASHINGTON VITA Luis. *A Filosofia no Brasil*. Martins, São Paulo, 1950.

Notas

¹ Nunes (1979, p. 37).

² Cf. o artigo *Modernismo e Filosofia: o Caso Oswald de Silvío Gallo em -Impulso - Revista de Ciências Sociais e Humanas*, nº 24 de Abril de 1999, p. 89-108; e o debate entre Eduardo Sterzi e João César de Castro na mesa -Pensamento Canibal na Flip em 2011, resumo disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/07/10/oswald-filosofo-radical-por-sterzi-castro-rocha-391406.asp>

³ Cf. Documentário *Racism: a History* (parte 1: a cor do dinheiro) da BBC de Londres disponível em: <http://topdocumentaryfilms.com/racism-history/>

⁴ Sobre a importância da revolução haitiana, ver também Mignolo Walter (2003), pp. 338-339. "A revolução haitiana é tão importante na história do mundo moderno como a independência anglo-americana, a Revolução francesa e a independência dos países latino-americanos".

⁵ É importante lembrar que a promessa de um destino melhor após a morte não é exclusividade do mundo moderno. Várias religiões anteriores à era cristã já apresentavam concepções recompensatórias/punitivas para o além; lembrar os mistérios órficos, e a literatura sobre o mítico poeta trácio Orfeu, por exemplo. Cfr. PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1995), pp. 54-55.

⁶ Esta questão já foi trabalhada por Cabrera em seu *Diário de um Filósofo no Brasil* (pp.200-203), e não necessita de novas considerações no contexto do presente artigo.

⁷ Cf: http://www.cinfil.com.br/arquivos/Luis_washington_vita.pdf p. 01